



Primeira vista do mosteiro de Troitzkoié

O MOSTEIRO DE TROITZKOIÉ EM MOSCOU

As duas gravuras, que hoje apresentamos no nosso semanario, representam duas vistas do mosteiro de Troitzkoié, o mais importante de todo o imperio da Russia, depois do de Petchersk em Kiew. Este mosteiro, sob a invocação da Santissima Trindade, é de uma extraordinaria riqueza e era ainda mais antes da imperatriz Catharina ter ordenado, que as terras do convento fossem reunidas ao fisco. Está situado n'uma eminencia, que domina collinas de menos altura, e gosa-se d'ali um ponto de vista a tres leguas de distancia. No começo do seculo XIV, S. Sergio retirou-se para o bosque, que existia no mesmo lugar que hoje occupa o convento, e edificou ali um eremiterio e uma igreja de madeira. Bem depressa a virtude e a reputação de santidade de S. Sergio atraíram outros monges que, para se fixarem junto d'elle, elevaram cellulas. Por muito tempo os monges reunidos eram apenas uns doze; mas depois augmentou consideravelmente o numero, e foi a origem do convento e em seguida do burgo de Troitza. Após a morte do santo, em 1393, surgiu uma invasão de tartaros, que não só queimaram o convento, mas destruíram e arrasaram todas as habitações dos seus contornos. Um novo eremita, ajudado de donativos dos grandes do estado e das pessoas abastadas, reedificou o mosteiro sob um plano mais vasto e mais bello.

Todavia, não deve attribuir-se a nomeada d'es-

te convento senão ao seu primitivo fundador, pela seguinte rasão: Em 1380, S. Sergio decidiu por seus conselhos o grande duque Dmitri Ivanovitch, não só a resistir aos tartaros, mas tambem a atacal-os para além do Don, e deu-lhe dois guerreiros, então monges do seu convento, para manterem o principe nas suas boas disposições, recordando-lhe a cada instante a promessa que o santo lhe havia feito, de alcançar uma brilhante victoria; e estes dois monges combateram á frente do exercito, fazendo prodigios de valor, e contribuíram para a celebre victoria que valeu a Dmitri o cognomé de Donskoi. O reconhecimento do soberano foi sem limites, cumulando de riquezas os religiosos e o convento, e os seus successores rivalisaram a qual daria mais. Baptisou-se n'este mosteiro, em 1530, o czar Iwan, e os seus parentes, depois da cerimonia, foram consagrar o menino a S. Sergio, e depòl-o no seu tumulo: por isso Iwan teve toda a sua vida uma particular devoção por S. Sergio, attribuindo á sua protecção, o ser bem succedido pelas armas. Enriqueceu o convento depois da tomada d'Astrakan, e fez levantar novos edificios de pedra juntos dos que já existiam.

As immensas riquezas accumuladas n'este convento, collocaram-n'o nas circumstancias de dar valiosos socorros á cidade de Moscou, durante as guerras civis causadas pelo falso Dmitri, sustentadas pelos polacos, que conseguiram invadir muitas provincias russas e apoderar-se da capital. Para o privar d'aquelle apoio, os polacos

decidiram de pôr cerco ao convento, e dezoito mezes depois de muitos trabalhos e combates foram forçados a levantá-lo e a evacuar toda a comarca. Em muitas occasiões, o mosteiro de Troitzkoïé offereceu sommas consideraveis aos soberanos russos, cujos cofres esgotados não podiam fazer face ás necessidades do estado. Durante o interregno que se seguiu á prisão do czar Vassili-Ivanovitch, o superior Dionisio, enviou cincoenta homens d'armas e outros soccorros, a Moscou, e um monge d'este convento, Abrahão Polizine, percorrendo a cidade, conseguiu com a sua eloquencia e patriotismo negociar a paz entre os senhores russos, cuja desunião não permittia fazer rechassar os polacos; e induzio e obteve que o celebre principe Pjarski marchasse sobre Moscou, devendo-se-lhe uma boa parte dos resultados alcançados por este general. Mais tarde o convento teve ainda a gloria de salvar Pedro-o-Grande e seu irmão, que foram ali pôr-se a coberto das empresas dos strelitz. Este soberano, assim como os seus successores até Alexandre enriqueceram o magnifico mosteiro e engrandeceram-no juntando-lhe novos edificios.

O convento de Troitzkoïé é cercado por fortes muralhas, flanqueadas por oito altas torres gothicas; as quatro torres dos angulos são guarnecidas com bastiões. Do lado de leste tem um fosso revestido de alvenaria, sobre o qual assentam duas pontes. A igreja principal foi edificada sobre o tumulo de S. Sergio; quasi todas as estatuas d'esta igreja são de prata massica, e possue prodigiosas riquezas tanto em ornatos como nos paramentos e vasos sagrados. O convento comprehende nove igrejas, muitas capellas, vastos refeitorios, o palacio imperial, o do arcebispo e um seminario onde se educam e mantêm mais de 300 alumnos. O mosteiro de Troitzkoïé, é, sem contestação, um dos mais sumptuosos que existem, e, ao mesmo tempo um dos mais notaveis pelos grandes acontecimentos historicos que recorda, pelos homens celebres que d'elle tem saído, e pelos importantes serviços prestados á patria.

O GRANDE LIVRO DE PLUTARCO

Vidas dos homens illustres

Dizia, não ha ainda muito tempo, um escriptor francez, o sr. Charles Lévêque: — O homem discreto, a quem Henrique IV chamava — *a sua consciencia*; o escriptor, do qual as obras foram o *breviario* de Montaigne e do seu seculo; o mestre de Jean Jacques Rousseau; o historiador, que, na phrase de M.^{me} Roland, preparou nas suas biographias — *um pasto para as grandes almas*: este tal é mais do que um éco, mais do que um discipulo, Plutarco é uma intelligencia de primeira ordem. =

Este enunciado, tão conceituoso, revela o alto merecimento do illustre grego, que immortalizou o seu nome, como amavel moralista, como um dos grandes *medicos da alma*, não menos que pelas admiraveis biographias, tão conhecidas pela caracteristica denominação de — *Vidas dos homens illustres*.

Não me occuparei, n'este breve artigo, de encarar Plutarco sob o aspecto de escriptor moralista. Aqui sómente pretendo apontar algumas

particularidades da sua historia, e recordar o famoso elogio que das *Vidas dos homens illustres* fez um auctor francez do seculo passado; acrescentando o juizo que posteriormente apresentaram os criticos.

Plutarco nasceu em Cheronéa, na Beócia, entre os annos de 48 a 50 antes de Christo, e descendia de uma das mais importantes familias d'aquella cidade. Ignora-se o nome do pae de Plutarco; mas sabe-se, pelas positivas asserções do filho, que era elle pessoa de grande merecimento, e de notavel saber, concorrendo muito pela educação e pelo ensino para o desenvolvimento intellectual do futuro biographo dos mais distinctos varões da Grecia e de Roma. Um conselho deu o pae de Plutarco a seu filho, que muito abona a prudencia e discrição d'aquelle. Fôra Plutarco, ainda moço, enviado com outro seu patricio pelos habitantes de Cheronéa em deputação ao Proconsul; o companheiro não passou do caminho, e só Plutarco se desempenhou cabalmente da sua missão. De volta, e quando tratava de compôr o relatorio que devia apresentar, disse-lhe o pae: — Meu filho, abstem-te de dizer: *fui, fallei, fiz*; mas dize sempre: *fomos, fallámos, fizemos*; associando assim o teu collega a todos os actos; afim de que a metade do bom exito seja attribuida áquelle, a quem a patria honrou com a metade da incumbencia, e arredes assim a inveja que de ordinario vae ter com a pessoa que alcançou a gloria =

Para completar o ensino que recebêra na casa paterna, passou a Athenas, onde encontrou o philosopho Ammonius, do qual seguiu as lições, e recolheu solida instrucção. Viajou depois por toda a Grecia e pelo Egypto, conseguindo augmentar o seu thesouro de erudição, e os cabe-daes de moralista. Foi, porém, na cidade de Roma, onde depois esteve por duas vezes, que definitivamente firmon o espirito, e assentou as bases da sua philosophia e a direcção da sua carreira intellectual e moral.

Era de receiar que Plutarco se corrompêsse na capital do imperio romano, onde então campeava a licenciosidade mais perigosa; mas a feliz tempera do seu character, e o amor das lettras o preservaram do contagio. Travou relações com os personagens mais importantes de Roma, e aproveitou todos os meios de instrucção, reunindo ao mesmo tempo os materiaes para o seu grande trabalho das *Vidas parallellas*, que tamanho lustre haviam de communicar ao seu nome.

A ninguem seria tão commodo passar a vida em Roma, como a Plutarco; mas as saudades da patria o fizeram voltar á sua querida Cheronéa, onde viveu depois longos annos, entregando-se suavemente ao estudo e ao ensino da philosophia moral.

É tempo de apresentarmos o famoso elogio das *Vidas dos homens illustres* que acima prometemos. O escriptor que o traçou, é nada menos que o celebre M. Thomas, bem conhecido pelo *Ensaio sobre os elogios*, do qual é um brilhante fragmento o que se refere a Plutarco. Eil-o aqui, vertido fielmente em linguagem:

— *Faze surgir diante de mim os grandes homens: quero vê-los, quero conversar com elles!*... dizia um principe moço, de imaginação viva, e entusiasta, a uma pythonissa famosa que no Oriente tinha a reputação de evocar os mortos.

Um sabio, que de ordinario vivia retirado, mas que então estava com o principe, lhe disse: Vou executar o que ordenas. Toma este livro; percorre com attenção os vultos que apresenta; e á proporção que fores lendo, ir-se-hão erguendo diante de ti as sombras dos grandes homens, que jámais te abandonarão.

Aquelle livro era — *Os homens illustres* — do philosopho de Cheronéa...

N'elle encontramos, com effeito, toda a antiguidade. N'elle apparece, por sua vez, cada homem — com o genio, talento, ou virtudes que influiram na sorte dos povos.

Eis aqui, pouco mais ou menos, o quadro que Plutarco nos offerece:

Nascimento, educação, costumes, principios — que prendem com o caracter, ou o combattem; concurso de muitos grandes homens, que se desenvolvem lidando uns com os outros; alguns apparecendo solitarios em scena — nas épocas de abatimento e fraqueza; lucta de caracteres fortes contra os costumes envilecidos de povos em estado de decadencia; desenvolvimento rapido de um povo nascente, ao qual um homem de genio imprime a sua força; impulso dado ás nações pelas leis, pelas conquistas, pela eloquencia; grandes virtudes, sempre mais raras do que os grandes talentos, — umas, impetuózas e vehementes, — outras, serenas e reflectidas; designios, ora profundamente concebidos e sasonados pelos annos, — ora inspirados, concebidos e executados quasi ao mesmo tempo, e com o vigor que derriba tudo, por não haver occasião de prever cousa alguma; finalmente, existencias ruidózas, mortes memoraveis, e quasi sempre violentas, — porque, por uma lei inevitavel, succede que a acção d'esses homens que tudo revolvem occasiona em tudo o que os rodeia uma resistencia igual: esses taes pesam sobre o universo; mas o universo pésa sobre elles: por detraz da sua gloria está quasi sempre escondido o desterro, o ferro ou o veneno...

Estylo e maneira de compôr. Plutarco é um velho sisudo e grave, acostumado ao espectaculo das cousas humanas; não se exalta, nem se deslumbra, admira sereno, censura sem indignação. Marcha lenta e pausadamente; nunca se precipita. Semelhante a um remansado arroio, pára, volta, suspende o seu curso, e percorre vagorosamente um terreno vasto. Semeia com placidez, e como que á ventura, tudo quanto a sua memoria vem offerecer-lhe. Emfim, por toda a parte conversa com o leitor; é o Montaigne dos gregos, — mas não tem como este a *maneira* pittoresca e ousada de pintar o pensamento, nem o estylo imaginoso que nem sequer alguns poetas tiveram, apesar de Montaigne escrever em prosa; comtudo, Plutarco atráe, captiva e interessa, como Montaigne, sem parecer que de tal cousa se occupa. Consiste a sua grande arte em fazer conhecêr os homens por meio de pequenas particularidades. Não faz os brilhantes retratos, de que Sallustio foi o primeiro a dar-nos modelos, e que o Cardeal de Retz pôz muito em moda entre nós nas suas *Memorias*, porque pinta os heroes em acção, a ponto de nos parecer que estamos vendo os homens a mover-se e a conversar comnosco. = (1)

(1) *Essai sur les éloges* (*œuvres de M. Thomas*, tom. 1.º da edição de 1773, pag. 120 a 123.)

— Este elogio é realmente magnifico, e bem merecido. No entanto, apresentaremos, muito em resumo, os reparos que a critica tem feito; e assim ficarão os leitores mais preparados para o estudo do grande livro de Plutarco.

E por vezes extensa em demasia a exposição. — e o biographo desce a miudezas de pequeno tomo, e se espraia em ponderações triviaes, que bem podéra omitir.

Uma tal ou qual parcialidade pelos gregos, é parte para que estes se aventagem aos grandes homens da raza latina; de sorte que o parallelo fica sendo mais favoravel para os compatriotas de Plutarco.

Como quem se assenta muito á vontade para contar a ouvintes pachorrentos, vae seguindo as suas reminiscencias, e aponta noticias de especialidades que por acaso surgem na sua narração, interrompendo mais ou menos longamente o fio do assumpto.

Nem sempre é apurada a sua critica nas cousas de origens e de genealogias.

Apressêmo-nos, porém, a dizer que o livro de Plutarco apresenta em toda a necessaria luz os grandes homens da antiguidade, quer no movimento da vida activa, quer no retiro da morada e da familia, e sempre do modo mais natural. As grandes acções, os feitos brilhantes e estrondózos são pintados com admiravel vigor; ao passo que tambem encanta a simplicidade, com que são expostos os actos e os acontecimentos ordinarios e communs.

Em summa: o livro de Plutarco allumia grandemente a historia da antiguidade, e offerece uma consideravel somma de noticias sobre os varões insignes, que antes do christianismo presidiram aos destinos da sociedade grega e romana.

JOSE SILVESTRE RIBEIRO

Lista dos prefixos e seu valor, importados da lingua latina e admittidos como radicacs de muitos termos da nossa.

OPINIÃO DE E. BARRAULT

(Continuado de pag. 212)

OBSERVAÇÕES GERAES

PREFIXO *ab*

A preposição ou prefixo *ab* umas vezes marca simplesmente afastamento sem outra ideia accessoria; outras influe tanto na significação da palavra primitiva, que a ideia de afastamento toma um tal desenvolvimento, que quasi a domina e extingue. Alem disto, a acção de afastamento expressa por *ab* mostra-se algumas vezes como succedendo na direcção d'alto a baixo, ajuntando á palavra primitiva uma ideia accessoria de depreciação, de desprezo, sentido aliás mais particular á preposição *de*.

Tão consideravel é algumas vezes o afastamento da ideia da palavra simples que a palavra composta, sempre adjectivo 'neste caso, sem ser a negação completa da ideia primitiva, tem comtudo muita relação com ella.

Muitas vezes exprime um movimento de desvio da linha directa, um desvio do que era apresentado pela palavra simples como bem ou, ao menos, indifferentemente significado.

Em geral, diz M. Lafaye (1), a particula *ab* acha-se empregada no começo das palavras que designam um movimento brusco, violento. Apresenta o sentido de um acto que acaba de uma só vez.

Eis ahí porque ella não chama ordinariamente a attenção sobre o espaço percorrido, opposta n'isso a *de* que marca um movimento lento, progressivo e que fixa a attenção sobre aquelle espaço.

Do que resulta que *ab* tem uma tendencia para exprimir uma ideia desfavoravel, a de impellir a um fim rapido, de supprimir, de aniquilar promptamente.

(Continúa)

ANTONIO MARIA D'ALMEIDA NETTO.

LEÃO GOZLAN

(Tradução)

Mais elogiado depois da morte que em vida, graças ao talento mais fino e engenhoso do que relevante, passou Leão Gozlan quasi despercebido da maioria dos que lêem, entre os successos de grande orchestra de Balzac e os tambores que tocavam á carga das campanhas litterarias de Alexandre Dumas. Pertence todavia á tribu dos romancistas que appareceram brilhantemente de 1830 a 1848. Pelo lado moral, tem a maioria dos defeitos d'essa tribu. Quanto á parte litteraria, possui algumas qualidades de que muitos d'elles careciam: esmero na fórma, sentimento litterario e amor da arte que poucos tiveram.

O seu nascimento não parecia predestinal-o ás letras. Seu pae era um rico armador de Marseilha a quem revéses de fortuna completamente arruinaram.

Leão Gozlan, nascido a 21 de setembro de 1806, teve de sair do collegio aos dezoito annos, antes de concluir os estudos, e foi longe da patria adquirir meios de fortuna. Embarcou pois para Alger, e d'ahí passou ao Senegal em 1824, onde sem muito bom exito realisou as primeiras tentativas do commercio de navegação costeira. Se não o enriqueceram as viagens, pelo menos, ampliando o horizonte que até ali tivera em vista, desenvolveram-lhe o espirito e prepararam cores a essa palheta intima que todo o poeta encerra em si. Teve o sensato pensamento de que, antes de escrever, precisava completar ou antes restabelecer os seus estudos; e, tendo no seu regresso a Marselha, em 1826, obtido emprego n'um collegio, aproveitou-se d'elle para ir relembrando o que ao mesmo tempo ensinava. Estes estudos tardios, vindo amadurecer observações colhidas na primeira experiencia da vida, a meditação succedendo á acção principiada, exerceram poderosa e favoravel influencia sobre o espirito de Leão Gozlan.

Em 1828 veiu a Paris, sob os auspicios do seu compatriota Méry, que ostentava então todo o vigor do seu talento e da sua ardente juventude, o Méry da opposição que com o seu amigo Bartholomeu acabava de escrever o pamphleto poetico da *Villéiade*, obra em que tanto espirito ha e tão pouca rasão apparece.

Leão Gozlan foi ao principio caixeiro de livraria e até, se podemos dar credito a uma tradi-

ção que muito tempo se conservou no gabinete de leitura da *Tente*, um dos mais concorridos do Palays-Royal nos ultimos annos da Restauração e nos primeiros do governo de Julho, foi distribuidor de livros n'um gabinete de leitura. Pouco depois foi recebido no *Incorruptivel* (titulo sonoro!), no *Vert-Vert* e no *Corsario*, jornaes opposicionistas d'aquelle tempo.

A politica não convinha a esta penna essencialmente sceptica, indifferente e mais cuidadosa na fórma que no fundo. Pendeu com facilidade para a novella e para o romance, porque preferia o culto da arte ao certamen das idéas.

As *Memorias de um boticario*, publicadas em 1828 (Leão Gozlan contava então vinte e dois annos) foram a sua estreia n'este genero. A publicação d'este romance seguiu-se oito annos depois á do *Notario de Chantilly*, que na parte litteraria, sem fallar do ponto de vista moral, é considerado como um dos melhores do auctor. A partir d'este momento, torna-se um dos mais acreditados e assiduos collaboradores das revistas em voga, e todos os annos se vêem apparecer um ou dois romances d'elle. Esta espantosa fecundidade prolonga-se durante vinte annos, de 1836 a 1856, e os titulos dos romances, que n'este periodo publicou, encheriam uma pagina inteira.

Citarei o *Medico do Pecq*, romance caracteristico, publicado em 1837, que sobresaé da torrente das suas composições, mas não tanto como os *Castellos de França*, publicados primeiro na *Revista de Paris*, e que em 1844 appareceram em quatro volumes. Nesta obra o talento do auctor chega ao seu zenith. O fundo historico em que desenha as anedotas, a parte artistica e descriptiva, formam como que um tecido mais solido que sustenta os caprichosos arabescos da sua penna. Dá corpo, por assim dizer, a esses pujantes edificios, muitos dos quaes já têm desaparecido do solo. Evoca, para encher aquellas vastas salas, as gerações que descansam no sepulchro. Do quadro do passado reavivam-se as cores apagadas; as paixões extinctas reaccendem-se; os interesses contendem-se. É a historia! Não a historia tal como a descrevem os annalistas officiaes, que mencionam apenas as batalhas ganhas ou perdidas e alguns acontecimentos de maior vulto, omittindo tudo o mais; mas a historia com as suas profundas investigações acerca de homems e de cousas, com os seus echos infinitos, as suas cores scintillantes e mil pormenores que para a posteridade se confundem no todo.

Infelizmente as obras de Leão Gozlan, como as da maior parte dos romancistas seus contemporaneos, carecem do pensamento moral. Descreve, analisa, subtilisa, aperfeicôa, tem rasgo, cor local, mas o seu talento fraqueja por vezes, e nem sempre demonstra o ponto principal em que faça consistir a moralidade do assumpto. É um pintor para quem a vida humana é apenas uma paizagem a mais.

É justo confessar que Leão Gozlan era obrigado a escrever para sustentar-se, e isto explica o prodigioso numero de seus livros.

Não fallámos ainda nas suas peças theatraes que foram tambem muito multiplicadas. A *Mão direita e a Mão esquerda*, peças que destinára primitivamente ao theatro da *Renascença* (para onde

(1) Lafaye, *Traité des synonymes français*, pag. 334.

transportaram depois a companhia italiana), occuparam algum tempo a attenção publica, por causa do cerco em regra que tiveram de sustentar contra a censura, e só se representaram no Odéon depois de haverem soffrido numerosas modificações. O Theatro Francez apresentou do mesmo auctor em 1843 a *Eva*, e em 1848 a *Gota de leite*. Era uma peça de conjunctura.

Gozlan, que achava mais facil seguir a opinião publica do que reformal-a, tomava a nobreza por alvo e crivava-a de epigrammas, para agradar aos republicanos da vespera e do dia seguinte. Não foi só o Brenno gaulez que exclamou: «Ai dos vencidos!» Esta palavra ha sido muitas vezes repetida pelos echos da historia e vae repercutindo-se de seculo em seculo.

Ainda que apresentassemos a nomenclatura das

outras comedias e proverbios, representadas de 1852 a 1856 nos grandes e pequenos theatros, por exemplo: *Era no Theatro Francez, Está posta a mesa, A cauda do cão de Alcibiades, Um cabelo louro, O bolo das rainhas, Um bocadinho de oretha, Os cestos da condessa*, etc., nem por isso o leitor formaria mais perfeito juizo de Gozlan, nem augmentariamos um raio de luz ao esplendor da sua fama.

Dois generos ha de litteratura: um que satisfaz ao consumo mais ou menos intellectual de cada dia, e que se parece alguma cousa com o abastecimento dos mercados, que o Gargantua parisiense devora entre o nascer e o pôr do sol; outro que se dirige a todos os tempos e que se compõe das obras primorosas de cada seculo. As obras de Leão Gozlan são como os viveres desti-



Segunda vista do mosteiro de Troitzkoié (vide pag. 265)

nados a serem consumidos immediatamente, posto que a alguns de seus livros e a algumas de suas peças se não possa negar absolutamente o merito litterario. Escreveu muito, sem duvida, mas não produziu uma obra prima.

Era todavia homem de muito espirito, e nunca o manifestou tanto como no estudo sobre Balzac, que veio publicado na *Revista contemporanea*, fundada e então dirigida pelo marquez de Belleval.

Leão Gozlan tivera relações intimas com o celebre romancista, e eu não quereria afirmar que elle, na sua qualidade de pintor, não houvesse lançado de antemão sobre o papel alguns traços a lapis enquanto Balzac, que, apesar das suas grandes pretensões de figura, era ingenuo como uma creança, se revelasse sem dar

por isso. O certo é que ninguem melhor retratou as excentricidades características d'este personagem, e aquella especie de confusão que se operava em seu espirito entre a vida real e a vida ideal das ficções, no meio de que vivia.

Iria Balzac á meia noite acordar Leão Gozlan para correr com elle os estabelecimentos de lapidarios, a quem queria vender a Esmeralda do gran Mogol, que acabava de descobrir n'um velho cofre de familia, e que, segundo elle, valia muitos milhoes?

O facto é duvidoso, e a anedota, ainda que ligeiramente referida, é um pouco custosa de admittir. Os pintores porém carregam muitas vezes o traço para lhe dar mais relevo. É afinal a eterna historia de Pedrita com a bilha de leite; e se a imaginação de uma leiteira se compraz

em formar castellos no ar, julgue-se dos que construiria a rica imaginação de Balzac com a sua varinha de magico e de poeta! Seja como for, as paginas de que se trata pertencem ás mais espirituosas, mais finas e engraçadas que escreveu Leão Gozlan, que teve o raro talento de fazer rir a tempo das excentricidades de Balzac sem ridicularisar o seu amigo.

Não tratarei da triste duvida que se despertou junto ao leito funebre em que jazia o auctor, cujo esboço biographico vou terminar. Era judeu? Era christão? Quando tal questão fôra agora para ventilar-se, haveria infelizmente motivo para asseverar que o escriptor de que se trata, nem era uma cousa, nem outra. O estudo das produções de Leão Gozlan denuncia-nos um sceptico. Olhava em frente, retrospectivamente e em torno de si; para cima, nunca. Ao seu talento e ás suas composições, falta-lhes o *Sursum corda*.

Esquecia-me dizer que Leão Gozlan era cavalleiro da Legião de honra desde 1846 e que fôra nomeado official da mesma ordem em 15 d'agosto de 1859.

A 14 de setembro de 1866 deixou de existir.

EDUARDO A. ROCHA DIAS.

NICOLÃO MACHIAVEL

Estudo litterario, moral e politico

Questo è il gran segretario fiorentino, Niccolò Machiavelli, un uomo dei più grandi che l'Italia, tanto ferace di sublimi ingegni, abbia mai prodotti.

PIGNOTTI.

(Continuado de pag. 224)

XIV

Quem lê com attenção as *Historias Florentinas*, que Machiavel compoz, chega a estranhar que o nome d'aquelle escriptor e politico podesse vir a ser objecto de tão severos julgamentos, como de feito ha sido.

Não ha duvida que o livro — vulgarmente conhecido pelo titulo — *Do Principe* — contém maximas detestaveis em alguns dos seus capitulos; mas é certo que as demais obras politicas de Machiavel, comprehendendo as historicas, não têm aquella mancha. A seu tempo examinaremos o famoso livro — *Dos Principados* — e então veremos que *no crime, nem tudo é crime*. Agora vejâmos se no escripto historico, de que vamos fallando, apparecem revelados sentimentos nobres na pessoa de Machiavel.

Incontestavelmente tinha uma alma bem formada o escriptor, que se diliciou em particularisar as circumstancias que vamos apontar.

Depois de referir os serviços feitos a Florença por João de Medicis, chega o historiador ao triste lance, em que aquelle illustre cidadão, conhecendo a gravidade da doença que o acomettera, e crendo que era chegada a sua derradeira hora, manda chegar ao leito da morte seus dois filhos, Cosme e Lourenço, para se despedir d'elles, e lhes dar os conselhos de bom pae. Eis o discurso que Machiavel pôe na boca do illustre moribundo:

— Creio ter vivido já o tempo que Deus e a natureza tinham marcado ao meu nascimento. Morro contente, porque vos deixo ricos, sauda-

veis, e ornados de qualidades taes, que, se seguirdes as minhas pisadas, podereis viver em Florença honrados e queridos de cada um dos cidadãos. Nenhuma razão contribue para que eu morra satisfeito, que tão forte seja como a felicidade de me recordar que nunca offendí pessoa alguma, mas antes fiz bem a todos. Será bom que façais o mesmo, se quereis viver em segurança. Não tomeis das cousas da governação, senão o que vos fôr ordenado pelas leis e pelos homens, — que d'este modo não excitareis a inveja, nem correreis perigos. O que origina o odio, é o que o homem toma para si, e não o que lhe é concedido e dado. Reparáe bem, que seguindo este rumo, haveis de medrar mais do que aquelles que, querendo o quinhão dos outros, perdem o seu, e antes de o perderem vivem sempre em continuas angustias. D'est'arte, não só conservei eu, mas acrescentei a minha reputação em Florença, ainda no meio de tantos inimigos e de tantas dissensões; e assim também vós, se no mesmo rumo navegardes, mantereis e augmentareis o vosso crédito. Mas, se de outro modo vos houverdes, tende por certo que não será mais feliz o vosso fim, do que o d'aquelles que em vossos dias se arruináram a si, e arruináram as suas casas. =

Se Machiavel não presasse a honra, se não apreciase os sentimentos nobres, e os leaes conselhos da grave experiencia, não se demoraria em recolher testemunhos taes, como as derradeiras palavras de João de Medicis.

Mas ainda outro documento, por extremo honroso, das excellentes disposições moraes de Machiavel, nos offerece o bellissimo e tocante retrato que elle traça do mesmo João de Medicis:

= João de Medicis era caritativo; não sómente dava esmola a quem lh'a pedia, senão também ia muitas vezes ao encontro das necessidades dos pobres, sem que estes sollicitassem soccorro. Louvava os bons; compadecia-se dos máos. Nunca pedio honras, e comtudo obteve-as todas. Nunca foi ao Palacio, sem ali ser chamado. Amava a paz, e fugia de tudo o que era guerra. Na hora da adversidade acudia aos homens; nem se esquecia de coadjuval-os na prosperidade. Afastava-se de toda e qualquer rapina publica; mostrava-se *acrescentador* do bem da communitade; e sempre affavel no exercicio das magistraturas. Não era dotado de grande eloquencia; mas, em compensação, tinha uma prudencia singular. As suas feições revelavam disposição melancólica; mas na conversação era agradável, e até facéto. Morreu riquissimo de thesouros; mas ainda mais rico de bom nome, e de reputação de benevolencia. =

Destaco d'este retrato uma clausula que é sumamente lisongeira para Cosme de Medicis; e vem a ser:

= A herança dos bens de fortuna de João de Medicis, e dos bens do seu coração, foi não só mantida, senão ainda acrescentada por seu filho Cosme. =

Rasão teve Machiavel em fallar assim de Cosme de Medicis, grande homem, que, na phrase de Sismondi, *não usurpou a reputação que o tem acompanhado na posteridade*.

Parêmos por um pouco em presença d'este vulto historico. Cosme de Medicis não abandonou o commercio, nem sequer ainda no meio

da sua brilhante carreira. O commercio havia enriquecido os seus antepassados, — e no commercio proseguio elle, continuando assim as tradições e procedimento da sua familia. Adquirindo uma fortuna immensa, espalhou em torno de si a prosperidade, animou a industria, favoreceu as Lettras, e deu vigoroso impulso ás Bellas Artes. Parecendo ser apenas um commerciante, era comtudo um dos homens de Estado mais habéis da Europa; — e não só o protector, como já dissemos, senão tambem o cultor distincto das Lettras e da Philosophia, sobre ser dotado do mais fino gosto em tudo o que dizia respeito á pintura, á esculptura e á architectura.

Faz gosto lér algumas bellas paginas da *Historia das Republicas Italianas na Idade Media*, consagradas á gloria de Cosme de Medicis. Assignalou, diz Sismondi, a sua magnificencia, patenteando ao publico vastas collecções de manuscritos preciosos, n'uma época em que um livro era considerado como um thesouro. Na occasião do seu desterro em Veneza, deixou como penhor do seu reconhecimento para com o Estado que lhe déra asylo, deixou, digo, ao convento de S. Jorge uma bibliotheca publica, a qual se conservou ali até ao anno de 1614. Um dos seus patricios, Nicolo Nicoli, reunira oito centos manuscritos latinos, gregos e orientaes, copiando muitos d'elles por sua propria mão, e enriquecendo-os com os seus commentarios; mas foi Cosme de Medicis quem proporcionou ao publico o goso d'aquelles manuscritos. Nicolo Nicoli era pobre, deixou dividas; Cosme pagou essas dividas, e fez todas as despesas para collocar os manuscritos na bibliotheca do convento de S. Marcos, que elle Cosme havia mandado edificar com magnificencia. Os proprios livros que reunira para seu uso, constituíram o fundo primitivo da bibliotheca Laurenciana, que de seu filho — Lourenço, o magnifico — tomou mais tarde o nome.

Foi Cosme de Medicis um dos primeiros que se insurgiram contra o predominio que a philosophia Aristotelica adquirira nas escolas. Seguiu as lições de Gemisthus Pletho, um dos theologos gregos do Concilio de Florença; affeição-se vivamente á philosophia platonica; e commetteu a Marsilio Ficino o encargo da restauração da Academia, proporcionando-lhe uma educação apropriada para aquelle destino. Em todo caso foi Cosme de Medicis, ainda mais do que o discipulo de Pletho, o cabeça dos novos Platonicos.

As suas immensas riquezas, e as suas correspondencias — que abrangiam o mundo então conhecido, eram constantemente empregadas no serviço da erudição. A pedido de Poggio ou de Traversari, encarregava os commissarios das suas casas de commercio de comprarem, ou de fazerem copiar os manuscritos que os sabios iam descobrindo na Allemanha, na Inglaterra, na França, na Grecia e na Syria.

Erguia palacios, conventos, egrejas, á sua custa em Florença e nas visinhanças, concorrendo assim para que podessem gosar do encanto e luxo das bellas artes — ainda os mais pobres cidadãos de um estado livre, ao passo que animava o genio de Michellozzi e de Philippe Brunelleschi. Foi tambem o protector de Donatello e de Masaccio, dando occasião a que o primeiro fizesse progredir a esculptura, o segundo a pintura.

Ainda mais: nem sequer se deslembrou da

agricultura. As suas propriedades de Carreggi e de Caffaggiuolo, onde muito se comprazia de residir, foram enriquecidas pelos desvelos intelligentes d'este lavrador consular.

Subida consideração alcançou Cosme de Medicis como homem de Estado; mas, n'este particular, e ainda attribuindo-lhe incontestaveis dotes politicos, é força dizer que mais se propoz Cosme de Medicis a engrandecer sua familia, e a fortifica-la no poder, do que a servir a patria e a liberdade.

Cosme de Medicis morreu na sua casa de Carreggi no primeiro de agosto de 1464, tendo de idade 75 annos. Pouco tempo antes, e quando já a doença o impedia de mover-se, fez transportar-se ao seu vasto palacio de Florença; e ao considerar o estado em que ficavam os Medicis, disse suspirando: *Esta casa é muito grande para tão pequena familia!* E com effeito, bem reduzida ficava a sua familia: seu filho João fallecera em 1464 na idade de 42 annos, e era elle a esperança do ancião; Pedro de Medicis, seu filho mais velho, que então tinha 47 annos, era muito doente, e não podia com o peso dos negocios; Cosme, filho de João, tinha morrido antes do pae; e ficavam em minoridade ainda os filhos de Pedro.

Cosme de Medicis foi chorado de amigos e inimigos; os primeiros eram gratos ao sem numero de beneficios que d'elle haviam recebido; os segundos respeitavam-no como sendo um prudente moderador nas cousas da governação, e temiam as demasias dos seus successores.

Cosme de Medicis, diz a final Sismondi, foi o maior cidadão que jámais se alevantou em um paiz livre. Por espaço de trinta annos esteve á frente da Republica mais rica, mais poderosa, e mais illustrada que então havia. Mais constantemente feliz do que Pericles, e com um poder mais duradouro que o d'aquelle, enriqueceu a nova Athenas com todos os prodigios das artes... Ainda mais; avantajou-se a Pericles, porque a expensas suas, e á custa do patrimonio proprio, ergueu grandiosos monumentos, que fixaram o bom gosto nas Bellas Artes.

E esse homem, que, nos trabalhos, nas construcções publicas ia muito além da magnificencia dos soberanos mais poderosos da Europa, mantinha na sua vida privada a maior moderação, a mais singular modestia, a ponto de que, nem nos trajos, nem na meza, nem na criada-jem, nem nos trens se ostentava superior ás pessoas da classe média. O seu trato para com os Florentinos era de igual para igual, e como simples cidadão. Effeituou o seu casamento e o de seus filhos e filhas, não nas familias de principes, que á porfia e com avidez acolheriam a a sua alliança, — mas sim nas familias dos Florentinos, a quem considerava como seus pares, considerando-o estes tambem do mesmo modo.

— O que muito em resumo fui apontando a respeito de Cosme de Medicis, é largamente desenvolvido por Sismondi no tomo 5.º da sua famosa *Historia das Republicas Italianas na Idade Média*; e para esse bello livro remettemos os leitores que mais a fundo quizerem estudar esta especialidade.

Dissemos que nos haviamos de demorar diante de um tão magestoso vulto historico: mas ainda não podemos separar-nos d'elle, porque deseja-

mos demonstrar que outros muitos escriptores abonam o juizo que Sismondi profere a respeito de Cosme de Medicis.

Será esse o objecto do artigo immediato.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

STIRLING

(Continuação de pag. 249)

Foi nas planicies de Stirling que os escossezes e os inglezes se deram os terriveis combates, que ensanguentaram os seus annos. Contam-se mais de doze campos de batalha só nos limites que a olho nú podem descobrir-se dos cimos do castello. Mas a victoria mais celebre, entre as que foram ganhas em Stirling, é a de Bannockburn. É principalmente a datar d'esta época que a cidade adquirio alguma importancia historica. Seja-nos permittido prolongar por um momento a narração d'um dos mais gloriosos feitos d'armas da velha Escossia. Sabe-se que, apesar dos esforços heroicos de William Wallace, Eduardo I, rei de Inglaterra, tinha hasteado o seu estandarte até o coração da Caledonia. Roberto Bruce, herdeiro da coragem e do amor da liberdade de Wallace, mas não da sua fortuna, tinha conseguido expulsar os inglezes. Um unico ponto estava em seu poder, sir Philips Mowbray occupava ainda, em nome de Eduardo II, a fortaleza de Stirling. Bloqueado por Eduardo Bruce permittio a Mowbray de ir a Londres dar parte de uma capitulação. Era contar muito sobre as forças e bravura dos escossezes; o rei de Inglaterra possuia então, além dos seus estados, o paiz de Galles, a Islandia e uma parte da França; podia por isso reunir um numeroso exercito e ir esmagar contra os muros de Stirling esse punhado de montanhezes tão altivos pelas primeiras victorias. O proprio Roberto Bruce tremia pensando nas consequências em que podia envolver-o a temeridade de seu irmão e deixou-o entregue á sua fortuna e a Deus. Todavia ao ambicioso Eduardo I tinha succedido o voluptuoso, o indolente Eduardo II, indigno filho d'um pae denodado e conquistador. Jogete dos validos, que exerciam um poder immenso sobre o seu espirito irresoluto, hesitou, tardou e afinal reuniu vejarosamente um numeroso exercito. Um ataque immediato poderia perder para sempre os Bruce e a Escossia. Eduardo I tel-o-ia feito, Eduardo II desprezou todos os meios de se assegurar do resultado, e a Escossia deveu-lhe a salvação. Marchou altivo á frente da sua nobreza, d'essa cavallaria ingleza que tinha feito a sua estreia nas planicies da Normandia e de Flandres, d'esses bésteiros tão nomeados pela sua destreza e agilidade. Os escossezes eram apenas uns trinta mil, e não tinham nem armaduras brilhantes, nem escudeiros com os pendões em que se vissem os braços dos seus senhores, nem palafrems carregados de ferro e ricamente ajaezados. A frente estava Roberto e seu irmão. Eduardo, que estava ancioso de reparar uma falta, seu sobrinho Randolph e o seu fiel Douglas estavam ao seu lado; estava enfim reunido tudo o que a Caledonia tinha creado de mais heroico. Bruce não só exigio o valor de seus irmãos para o bom successo d'este dia, mas chamou em seu auxilio o artificio e a estrategia. Proximo de Stirling ha uma planicie que póde ainda visitar-se: a relha do

arado fez-lhe desaparecer a aridez natural, e chama-se o *Parc*. É cheio de cavidades profundas e de lamaças; o *Parc* apresenta sómente um terreno secco e resistente. O principe escossez fez abrir uma multidão de buracos de dois pés de profundidade, pouco mais ou menos, em toda a linha de batalha, nos sitios aonde provavelmente chegaria a cavallaria inimiga. Os buracos foram cheios de matta brava, e cobertos de relva, de modo que todo o terreno parecia plano, emquanto que elle occultava, por todos os lados, laços e precipicios. Além d'isto abriram fossos em diferentes pontos onde deviam cair cavallos e cavalleiros. A ala direita do exercito escossez estava protegida pelo rio de Bannockburn, que o defendia pelo escarpado das suas margens, emquanto que a ala esquerda se estendia ao norte até aos muros de Stirling. A 24 de junho de 1314 teve lugar a acção, e duvidou-se de que a derrota dos inglezes fosse completa. Os arredores de Stirling recordam ainda todas as circumstancias d'este dia memoravel. A direita da cidade vê-se o campo onde a exhortações do abbade d'Inchaffray, os escossezes se pizeram de joelhos, o que deu logar a que Eduardo II exclamasse: «Elles pedem perdão», a que o barão Ingelram d'Umphraville respondeu: «Sim, mas é a Deus que o pedem, e não a nós.» Perto d'este logar vê-se a praça onde, na vespera do combate, montado n'um pequeno cavallo, armado d'uma simples hacha d'armas, Roberto Bruce estendeu morto o temerario Henrique de Bohun, que se tinha lisongeadado de terminar, com um golpe de lança, a guerra entre a Escossia e a Inglaterra. No caminho, que cerca o castello, Randolph e seus bravos companheiros, mil vezes julgaram perecer, impedindo a lord Clifford de vir em soccorro da guarnição ingleza de Stirling. Emfim, um pouco mais longe, estão os oitavos de Gillies-Hill, por detraz dos quaes se abrigavam os creados e os conductores de bagagens, que appareceram de repente, como um corpo auxilier, no fim do combate, e decidiram da victoria.

N'um outro artigo terminaremos estas noticias sobre os acontecimentos mais notaveis de Stirling.

Para fallar de Deus, a Escripura não tem expressões assaz eloquentes: É a causa, a origem, a essencia e a vida de todas as coisas; n'Elle está o poder que renova, reforma e resuscita: o que tem envelhecido, o que está corrupto, e o que está morto; é a mão que dirige com segurança o curso dos astros e firma os céos; é o guia dos que aspiram a unir-se a Elle, a luz dos que estão illuminados, o principio que aperfeicoa o que é já perfeito, a divindade suprema do que é já divino; simplificando ainda o que é simples, unindo o que está unido, principio essencial e gerador acima de qualquer outro principio, e disseminando, com infinita bondade, sobre tudo o que tem creado, e com justas proporções, os thesouros das suas infinitas e ineffaveis perfeições; n'uma palavra: a fonte de todos os seres, a vida dos viventes, a causa que tendo produzido todas as coisas faz que existam, e alimenta-as para que não pereçam. (S. DENIS L'AREOPAGITE.)